

Pais Idosos e Filhos Adultos: Uma Relação Familiar

Ana Cláudia de Oliveira Bentes¹

Janari da Silva Pedroso²

Deusivânia Vieira da Silva Falcão³

Resumo

O presente estudo tem por objetivo compreender como se estabelece a relação entre pais idosos e filhos adultos no contexto familiar. Para tanto foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva exploratória, por meio de entrevistas semiestruturadas e sistematizadas pela análise de conteúdo. Participaram do estudo 10 pais idosos e 10 filhos adultos, alguns destes frequentavam uma ONG, uma Universidade e os demais participantes que não pertenciam às instituições referidas. A coleta de dados ocorreu de janeiro a outubro de 2019, e os principais resultados indicaram que: 1) os idosos apresentam autonomia e são funcionalmente ativos, sinalizam a velhice como uma fase favorável a um bem-estar subjetivo; 2) os filhos adultos cuidam com atenção de seus idosos, contrariando a mídia que expõe altos níveis de violência intrafamiliar contra os mais velhos. Assim, surgem novos caminhos para o entendimento da relação parento-filial, os quais apresentam acolhimento e cuidados a idosos, recursos necessários para a construção de uma relação positiva e responsiva entre ambos, no contexto familiar.

Palavras-chave: família, pais idosos, filhos adultos

Older Parents and Adult Children: A Family Relationship

Abstract

This study aims to understand how the relationship between older parents and adult children is established in the family context. For that, qualitative descriptive exploratory research was carried out, through semi-structured interviews systematized by content analysis. Ten older parents, 10 adult children of an NGO, a University, and the other participants who did not belong to referred institutions were studied. Data collection took place from January to October 2019, and the main results indicated that: 1) older people present autonomy and are functionally active, they indicate old age as a favorable phase for subjective well-being; 2) adult children carefully care for their older people, contradicting the media with high levels of intra-family violence against the elder ones. Therefore, new paths emerge for more compression of the parent-child relationship, presenting welcoming and care for the older people, necessary resources to build a positive and responsive relationship between both, in family context

¹ Psicóloga. Clínica. Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará.

² Psicólogo. Pós-Doutorado em Psicologia (Universidade Católica de Brasília). Professor Associado IV da Faculdade de Psicologia, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Programa de Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará.

³ Psicóloga. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação e Graduação em Gerontologia da Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado University of Central Florida (UCF/EUA).

Keywords: *family, older parents, adult children*

Introdução

A família é considerada um sistema aberto, devido ao movimento de seus membros dentro e fora da interação de uns com os outros, o que leva a refletir a importância do grupo familiar no que concerne à interação dos seus membros no decorrer das etapas da vida (Andolfi, 1984; Bucher, 1986; Falcão, 2006; Minuchin, 1982). Além disso, constitui-se de subsistemas dentro do próprio sistema familiar, com regras que regulam o relacionamento entre os membros da família (Dias, 2011). O subsistema parental, por exemplo, tem como função a responsabilidade, a educação, a socialização e proteção dos filhos (Relvas, 1996).

A relação entre pais e filhos é distinta de outros tipos de laços sociais, apresenta uma longa história compartilhada que se inicia na infância, fase marcada pela grande dependência dos pais, finalizando com a morte de um dos membros, em geral, os pais idosos. Para a maioria dos adultos, estes tipos de relacionamentos são altamente notáveis e envolvem interação e apoio frequentes, em que ambos se engajam em trocas de apoio diário, companheirismo e conversação (Fingerman & Birditt, 2011; Rabelo & Neri, 2016).

Outro aspecto a ser mencionado na relação parento-filial refere-se ao apego, o qual influencia significativamente a obrigação filial, uma vez que está relacionado às primeiras experiências da infância, em que ocorre a segurança e conforto emocional com o outro, que passam a ser significativas, deste modo, formam uma representação interna do eu e do outro no contexto social (Bowlby, 2002; Cicirelli, 1993).

Além destes aspectos, entender a velhice como uma etapa do desenvolvimento e o envelhecimento como processo (Neri, 2006) leva a compreensão de que as influências como o crescimento na infância, a manutenção na vida adulta e a regulação de perdas na velhice influenciam significativamente a construção do envelhecimento no decorrer do ciclo da vida. Destarte, à medida que o ser humano se desenvolve, ele apresenta a necessidade de alcançar níveis cada vez mais altos de funcionamento ou de capacidade adaptativa, sendo fundamental nesse processo, a família. Diante do exposto, o presente estudo teve por objetivo compreender como se estabelece a relação entre pais idosos e filhos adultos no contexto familiar.

Método

Delineamento

Pesquisa qualitativa do tipo descritiva e exploratória.

Participantes

Trata-se de uma amostra de conveniência com vinte pessoas, sendo dez pais idosos (sete do sexo feminino e três do sexo masculino) funcionalmente ativos, e dez filhos adultos (sete do sexo feminino e três do sexo masculino). Os critérios de inclusão dos idosos foram: a) idade igual ou superior a 60

anos; b) ser alfabetizado; c) ter um ou mais filhos biológicos ou não; d) ter interesse em participar da pesquisa. Já os critérios de inclusão dos filhos adultos foram: a) idade igual ou superior a 18 anos; b) ser alfabetizado; c) ser filho biológico ou não do idoso participante; d) interesse em participar da pesquisa.

O quantitativo de participantes foi definido em função do processo de saturação de informações, ou seja, do ponto em que as entrevistas passaram a repetir conteúdos, sem agregar novos significados relacionados ao problema estudado. Destaca-se que todos os nomes verdadeiros dos participantes apresentados neste estudo foram substituídos por nomes fictícios.

As entrevistas com os participantes foram realizadas em uma Organização Não Governamental (ONG), assim como, em uma Instituição de Ensino da Terceira Idade e, também, na residência dos participantes que não pertenciam a nenhuma das instituições.

Instrumentos

Foi realizada uma entrevista aberta com roteiro semiestruturado, utilizada pelos pesquisadores na interlocução da entrevista (Minayo & Costa, 2018).

Procedimentos

Este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Pará (UFPA), recebeu parecer favorável CAAE: 86808817.1.0000.0018. Posteriormente, foi realizado contato com as instituições, bem como, com os participantes. A seleção dos participantes foi realizada por meio da técnica de *snowball*, também denominada *snowball sampling*. Esta técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais em que os participantes iniciais de um estudo indicam outros participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto, é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede (Baldin & Munhoz, 2011).

A coleta de dados ocorreu de janeiro a outubro de 2019, a qual foi realizada individualmente em locais que apresentavam condições ambientais favoráveis ao desenvolvimento da pesquisa, sendo utilizadas salas individuais das instituições que promovem grupos de apoio e no domicílio. Foi entregue aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, resguardando-se a identidade dos mesmos, utilizando-se para este estudo nomes fictícios. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Análise dos Dados

As entrevistas foram analisadas por meio da técnica de Bardin (1977/2000), sendo caracterizada por três períodos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Reunindo as entrevistas transcritas, constituiu-se o corpus da pesquisa. Foi analisado o material coletado obedecendo às regras de: a) exaustividade, b) representatividade, c) homogeneidade, d) pertinência, e) exclusividade. Emergiram as categorias: 1) pais idosos e a satisfação com a vida; 2) vínculo filial-parental: reflexos sobre a relação de cuidados.

Resultados e Discussão

A seguir, apresentam-se os dados sociodemográficos dos entrevistados, listados nos Quadros 1 e 2. Posteriormente, serão discutidas a categoria obtida.

Quadro 1.

Perfil socioeconômico dos pais idosos

Nome	Idade	Sexo	Escolaridade	Ocupação	Estado Civil
Ana	81	F	Ensino Médio	Aposentada e pensionista	Viúva
Irene	72	F	Ensino Médio	Aposentada	Viúva
Rosa	64	F	Ensino Médio	Aposentada	Divorciada
Luiz	61	M	Ensino Superior	Aposentado	Divorciado
Rita	66	F	Ensino Médio	Aposentada e pensionista	Divorciada
Anara	62	F	Ensino Superior	Trabalha em Universidade	Casada
Suzi	74	F	Ensino Médio	Pensionista	Viúva
Rui	92	M	Ensino Superior	Aposentado	Viúvo
Izabel	70	F	Ensino Médio	Aposentada	Casada
Mário	76	M	Ensino Médio	Aposentado	Casado

Quadro 2.

Perfil socioeconômico dos filhos adultos

Nome	Idade	Sexo	Escolaridade	Ocupação	Estado Civil
Renata	53	F	Mestrado	Assistente Social	Casada
Samara	58	F	Mestrado	Assistente Social	Casada
Vânia	51	F	Mestrado	Assistente Social	Casada
Elis	29	F	Ensino Superior	Psicóloga	Casada
Andréa	42	F	Ensino Superior	Tecnóloga	Divorciada
Dora	48	F	Ensino Superior	Enfermeira	Divorciada
Ary	54	M	Especialização	Assistente Social	Casado
Álvaro	44	M	Ensino Superior	Engenheiro Químico	Solteiro
Iago	38	M	Mestrado	Psicólogo	Solteiro
Sula	31	F	Doutorado	Professora de Universidade	Casada

Categoria 1: Pais idosos e a satisfação com a vida

Os longevos deste estudo, em sua maioria, eram funcionalmente ativos, praticavam atividades físicas, tinham um bom convívio familiar, avaliavam positivamente suas vidas, tinham autonomia, cuidavam das finanças, relembavam as conquistas e bom êxito na educação dos filhos, ou seja, apresentavam condições associadas às características de uma boa velhice. Ademais, exerciam atividades educativas oferecidas pelas instituições que frequentavam, dançavam sempre que podiam quando iam às festas e participavam de exposições de quadros artísticos produzidos por eles mesmos, o que evidencia a satisfação com a vida, conforme ilustrado na fala de Izabel (mãe):

Estou muito feliz de ser uma idosa, amanhã vou até correr pelo Círio (festa religiosa). Eu e meu marido somos da C.C. (instituição de saúde e promoção da qualidade de vida) e sempre estamos lá; minha professora de lá veio até almoçar comigo no Círio (Izabel, mãe).

A satisfação com a vida pode ser compreendida como indicador do bem-estar subjetivo, que abrange elementos cognitivos e avaliativos (afetos positivos e negativos), os quais apresentam níveis de prazer e desprazer no cotidiano, assim como, aspectos de facilidade para recordar eventos positivos

e negativos, esperança e otimismo, ou seja, é um julgamento que se faz da vida de acordo com critérios próprios (Diener et al., 2003; Hutz et al., 2014).

Nesse contexto, cabe registrar que os participantes, em sua maioria mulheres, apresentavam uma trajetória sofrida no decorrer da vida, como Irene (mãe) que sempre trabalhou muito e tinha pouco tempo para cuidar de si. Também Rita (mãe), após anos de sofrimento ao lado do cônjuge, conseguiu divorciar-se na velhice e, desde então, experimentava um sentimento de liberdade e uma alta satisfação com a vida. Diante destas experiências, é observada a resiliência destas idosas, as quais demonstraram competência para lidar com o estresse, ou seja, apresentam capacidade de enfrentamento e de adaptação positiva às ameaças ao desenvolvimento. Assim, desempenharam tarefas adaptativas e desenvolveram habilidades cognitivas e comportamentais frente aos eventos estressores do envelhecimento (Fontes & Neri, 2019).

Contudo, é importante ressaltar que, em qualquer etapa do ciclo vital, existem pessoas mais ansiosas, inseguras, depressivas, bem como apresentam altos níveis de neuroticismo, que se sentem mais insatisfeitas com suas rotinas (Hutz et al., 2014; Lucas & Diener, 2010). Dessa forma, embora as expectativas de vida sejam positivas ou negativas sobre o futuro, elas podem influenciar significativamente os níveis de satisfação com a vida conforme verbalizado a seguir:

Se a gente for pensar na velhice parece que as coisas pioram na vida, ela nos deixa muito limitado; nós devemos sempre tê-la como distante, para não chegarmos a um apogeu negativo. Estou insatisfeito com a vida que levo; eu não aceito velhice, não existe velhice, o tempo que orienta as coisas (Rui, pai).

Não estou satisfeito com a vida; tenho preocupações e medo. . . . No caso da minha família, tanto por parte de pai como por parte de mãe há casos de demência, e isso me deixa preocupado porque quanto mais velha a pessoa, mais limitada fica. Tenho medo da velhice e de ficar demente (Luiz-pai).

Tanto Luiz como Rui apresentaram motivos diversos e contextos variados no que concerne às pessoas que vivenciam e percebem negativamente a velhice, o que propicia uma baixa satisfação com a vida e influencia, consideravelmente, o bem-estar subjetivo.

Outra variável considerada relevante para a satisfação com a vida é a autonomia, que pode ser entendida como a busca pela identidade e individuação (Baltes & Silverberg, 1995). A autonomia pode ser um fator percebido com frequência no cotidiano do idoso, a capacidade de cuidar de si ao realizar atividades como: se alimentar adequadamente, locomover-se, tomar banho, usar o banheiro, andar, subir e descer escadas, cortar as unhas. Do mesmo modo, na efetivação de ações instrumentais como: realizar serviços domésticos, usar transporte, ministrar medicação, planejar orçamento, pagar contas, entre outros, são exemplos constantemente observados (Neri & Sommerhalder, 2012; Aykawa & Neri, 2008). Observa-se, também, que a maior parte dos idosos deste estudo buscava estratégias de manutenção da autonomia no contexto familiar, favorecendo maior grau de satisfação com a vida, conforme verbalizado a seguir:

Minhas filhas não querem que eu faça muita coisa, como eu fazia quando era mais moça, mas aquilo que vejo que posso fazer, eu faço, sei que elas falam para eu não fazer, porque gostam de

mim, mas eu também não posso parar de fazer tudo de uma vez. Faz muito bem para mim, manter a minha autonomia (Rosa, mãe).

Eles [filhos] têm medo de que eu ande de ônibus, pego aqui na porta e desço na porta, sem eles saberem. Nós [o idoso e a esposa] não queremos dar trabalho; temos a nossa autonomia; aí a gente foge [risos], não diz para eles onde nós vamos (Mário, pai).

Não ceder ao controle dos filhos era uma das maneiras de manter a autonomia para a maior parte dos entrevistados, que se mantinham ativos e saudáveis. Em contrapartida, os filhos adultos, muitas vezes, com a intenção de cuidar e promover o bem-estar dos pais idosos, poderiam influenciar negativamente na autonomia deles, beneficiando o desenvolvimento de uma dependência aprendida. Como exemplo a fala de Andréa (filha): “Não tenho confiança de deixar ela [mãe] só” (Andrea, filha). Há determinados momentos que atitudes filiais são necessárias no tocante ao cuidar de pais idosos, contudo, devem ser estruturadas de modo que possibilite a autonomia dos mesmos.

Categoria 2: Vínculo filial-parental - reflexos sobre a relação de cuidados

Esta categoria se refere ao desejo dos filhos estarem próximos aos pais na velhice, bem como ao suporte familiar que estes oferecem aos filhos ao longo da vida. O vínculo estabelecido entre pais e filhos relaciona-se às inúmeras variáveis, tais como, a relação de dar e receber cuidados, em que se estabelece a confiança entre pais e filhos por meio de uma relação de troca de cuidados de longa data. Na prática, isso poderia implicar, por exemplo, que a história co-residencial de pais e filhos estimula o senso de cuidado filial (Silva & Garcia, 2014; Houdt et al., 2018).

De fato, os intercâmbios geracionais vivenciados na relação entre pais e filhos se instituem não somente por meio de trocas de suporte, mas, principalmente por uma convivência fundada em valores, tais como respeito e gratidão, que propiciam um melhor enfrentamento quanto às solicitações que possam surgir na velhice, conforme ilustrado por Irene (mãe), ao relembrar a educação dada aos filhos quando pequenos: “Meus filhos sempre estão comigo quando eu preciso”. Da mesma forma, isto também é verbalizado por Dora (filha): “eu procuro retribuir estar sempre perto, quando ela (mãe) precisar”. Além dos valores para convivência como pilares no suporte parento-filial, observou-se o estabelecimento de cuidados de forma nítida e flexível, desde a infância dos filhos até a velhice dos pais.

Deste modo, atenta-se ao senso da obrigação filial, o qual está relacionado à responsabilidade de cuidar, assim como respeitar os pais idosos. Destaca-se como valor cultural mais predominante a experiência de cuidar (Zhan, 2006). Além disso, dados pertinentes entre pais e filhos desde a infância são, presumivelmente, relevantes no que tange à compreensão da preparação de cuidadores ao longo do ciclo da vida, em particular na velhice (Paulson & Bassett, 2016).

A este respeito, o senso de obrigação filial é destacado nas falas de Samara (filha) e Vânia (filha), respectivamente: “Temos a obrigação de fazer, mas não obrigação porque tem que fazer, mas porque quer fazer, é uma responsabilidade”; “Eu tive a oportunidade de ajudá-lo [pai] na velhice nos problemas dele de saúde e eu achei que foi muito importante a minha ajuda para ele”. Leva-se em consideração que o senso de obrigação filial fomenta normas de compromisso familiar, ativadas em tempos difíceis

ou nos momentos de maiores necessidades dos idosos, estimulando o aumento do envolvimento do filho adulto (Igarashi et al., 2013). Deste modo, estar próximo aos pais em tempos de crise permite aos filhos maior responsabilidade de cuidados parentais, reflete-se uma convivência construída em uma reciprocidade positiva.

O apego e a cumplicidade são elementos associados ao senso de obrigação filial e de fundamental importância na relação entre pais e filhos na velhice (Cicirelli, 1991). A seguir, apresentam-se algumas falas relacionadas a essa temática:

Tenho uma relação de cumplicidade e apego com a minha mãe. (Ary, filho).

Parece que ele ficou para cuidar de mim, as minhas outras filhas se casaram e foram para suas casas, mas, ele se casou e ficou aqui. Ele vendeu o apartamento dele e veio para cá, desde que o pai adoeceu. Ele veio simplesmente para nos ajudar, daí ele ficou. (Suzi, mãe).

Estudos (Lee et al., 2018; Karantzas et al., 2010) indicaram que as relações parento-filiais construídas com apego seguro, cumplicidade e afeto ao longo do tempo estimulam o senso de obrigação filial e o cuidado para com os pais idosos (Falcão, 2006; Polenick et al., 2015; Cicirelli, 1993). Filhos adultos com estilo de apego seguro cuidam dos pais com intuito de proteger a figura valorizada do apego (Carpenter, 2001).

O apego é definido por Bowlby (2002) como o vínculo recíproco e duradouro entre o bebê e seu cuidador, o qual acarreta benefícios para ambos. Neste seguimento, o apego seguro é o mais comumente observado nos bebês e significa que os pais estão disponíveis para os filhos, oferecendo-lhes uma base segura para que vivenciem novas experiências e explorem novos estímulos. Assim, estudos que destacaram os efeitos dos estilos de apego nos relacionamentos ao longo da vida, os quais, no contexto do cuidado, demonstraram que a segurança de apego se relaciona com probabilidade de prestação de cuidados, propicia engajamento, troca de suporte diário, companheirismo e conversação (Hazan & Shaver, 1987; Carnelley et al., 1996; Paulson & Basset, 2016; Fingerman & Birditt, 2011).

A fragilidade dos vínculos afetivos pode favorecer o desamparo entre pais e filhos conforme a fala de Elizabeth (filha): “Dava segurança maior, sentia mais à vontade de estar com ele (pai) do que minha mãe. Entender e superar essa perda foi muito difícil. Perda do meu porto seguro”. Ao relatar o falecimento de um dos genitores, Elizabeth sentiu-se desprotegida, uma vez que o pai de Elizabeth estava sempre presente em todos os momentos na vida da filha. Na infância, por exemplo, possuía tempo disponível para deixá-la na escola, acompanhá-la nos deveres de casa e em outras atividades. Diferentemente de sua genitora que, frequentemente, encontrava-se ocupada para estar próxima da filha, pois, o trabalho exigia dedicação exclusiva. Tal situação levou Elizabeth a fazer psicoterapia visando buscar recursos para enfrentar a perda.

Gradativamente conseguiu adaptar-se a perda, assim como conviver com sua mãe na ausência do pai: “A relação com esta mãe não era da forma que eu queria; aprendi com o tempo a aceitar a forma como ela é” (Elizabeth, filha). Uma base segura em relação ao apego vivenciada nos primeiros anos de vida propicia recursos de enfrentamento a eventos estressores. Além disso, a relação entre mãe e filha, após a morte do pai de Elizabeth, sofreu uma abrupta ruptura, mas, posteriormente uma

reconciliação. Desta forma, vivenciar um conflito, em determinadas situações, pode favorecer reflexões que propiciam a conciliação e uma melhor convivência entre pais e filhos. Nesse sentido, Falcke e Wagner (2014) referem que após a ruptura no sistema familiar surge a necessidade de reorganizar o sistema, elaborando novas regras de funcionamento familiar.

Por fim, a relação entre pais e filhos reflete uma caminhada percorrida ao longo da vida, em que sentimentos, emoções, comportamentos e acolhimento são primordiais na construção de uma relação que se faz presente não somente na velhice, mas em todos os ciclos de vida. Ademais, o cuidar não é exclusivo aos pais idosos fragilizados, mas também aos funcionalmente ativos, resolutivos e independentes. A atenção dispensada às pessoas mais velhas, em particular aos pais, pode ser entendida como um amor cultivado ao longo do tempo, em que cuidar significa além de dar amor, também, colo e dedicação.

Considerações Finais

O presente estudo buscou compreender como se estabelece a relação familiar entre pais e filhos na velhice. Foram percebidos graus diversos de satisfação com a vida, sinalizando a heterogeneidade da velhice, ou seja, há modos diversificados de perceber e viver a última etapa da vida. Embora seja comumente associada a diversas limitações, a aspectos negativos e a um desempenho funcional diminuído, a velhice possui abrangentes recursos como a resiliência, que protegem o bem-estar da pessoa idosa, tornando a vida valiosa e digna de ser vivida.

Deste modo, as pessoas que têm atitudes mais positivas em relação ao envelhecimento se envolvem em comportamentos mais saudáveis, são mais propensas a buscar atividades sociais e comunitárias, vivem mais e se sentem mais felizes. Entretanto, os idosos que esperam que a velhice seja uma experiência negativa têm maior probabilidade de aceitar passivamente a depressão e o declínio físico, uma perspectiva que apresenta riscos significativos à saúde. Assim sendo, um maior entendimento sobre a formação dessas atitudes seria relevante para o desenvolvimento de intervenções que busquem modificar estereótipos negativos do envelhecimento.

Em relação aos filhos adultos, atenta-se que, em sua maioria, buscam manter uma rotina que favorece o envelhecimento ativo e saudável. Também, buscam prestar apoio e cuidados aos pais idosos, cultivado no senso de obrigação filial. O que contraria a imagem de altos períodos de violência intrafamiliar contra o idoso vinculados pela mídia de um modo geral. Além disso, os resultados deste estudo analisam a importância de se investigar a construção da relação entre pais e filhos ao longo da vida, como forma de melhor entender este vínculo na velhice, principalmente, na dinâmica familiar, ao considerar que os adultos estão conectados com seus genitores por se importarem ou acreditarem que deveriam cuidar dos pais.

Portanto, as informações apresentadas apontam novos caminhos para o entendimento da relação parento-filial no contexto familiar, os quais apresentam acolhimento e cuidados a idosos, recursos necessários para a construção de uma relação positiva e responsiva entre pais idosos e filhos adultos.

Referências

- Andolfi, M. (1984). *Por trás da máscara familiar: Um novo enfoque em terapia familiar*. Artes Médicas.
- Aykawa, A. C., & Neri, A. L. (2008). Capacidade funcional. In A. L. Neri. *Palavras-chave em Gerontologia* (pp. 29-33). Alinea.
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011). Educação ambiental comunitária: Uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). *Eletrônica Mestr. Educ. Ambient*, 27, 46-60. Recuperado em periódicos.furg.br
- Baltes, M. M., & Silverberg, S. (1995). A dinâmica dependência-autonomia no curso de vida. In A. L. Neri (Org.), *Psicologia do envelhecimento: Temas relacionados na perspectiva de curso de vida* (pp.73-110). Papirus.
- Bardin, L. (1977/2000). *Análise de conteúdo*. Edições 70. (Original publicado em 1977).
- Bowlby, J. (2002). *Apego e perda: Vol I. Apego* (3ª ed. Martins Fontes. (Texto original publicado em 1969). .
- Bucher, J. S. N. F. (1986). Mitos, segredos e ritos na família: Uma perspectiva intergeracional. *Psicologia, Teoria, Pesquisa*, 2(1), 14-22. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/16985>. .
- Carnelley, K. B., Pietromonaco, P. R., & Jaffe, K. (1996). Attachment, caregiving, and relationship functioning in couples: Effects of self and partner. *Personal Relationships*, 3(3), 257-277. doi.org/10.1111/j.1475-6811.1996.tb00116.x
- Carpenter, B. D. (2001). Attachment bonds between adult daughters and their older mothers: Associations with contemporary caregiving. *The Gerontological Society of America*, 56(5), 257– 266 Doi: 10.1093/geronb/56.5.p257
- Cicirelli, V. G.(1993). Attachment and obligation as daughters' motives for caregiving behavior and subsequent effect on subjective burden. *Psychology and Aging*, 8(2), 144-155. doi.org/10.1037/0882-7974.8.2.144.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica: O processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156. Recuperado de http://z3950.crb.ucp.pt/biblioteca/gestaodesenv/gd19/gestaodesenvolvimento19_139.pdf
- Diener, E., Scollon, C. N., & Lucas, R. E. (2003). The evolving concept of subjective well-being: The multifaceted nature of happiness. *Advances in Cell Aging and Gerontology*, 15, 187-219. http://dx.doi.org/10.1007/978-90-481-2354-4_4
- Falcão, D.V.S. (2006). *Doença de Alzheimer: Um estudo sobre o papel das filhas cuidadoras e suas relações familiares*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definições de conceitos. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp.25-46). EDIPUCR.

- Fingerman, K. L., & Birditt, K. (2011). Social interrelations in aging: The sample case of married couples. In K. Warner Schaie & S. Willis, *Handbook of the Psychology of Aging* (pp. 219-232). 8ª ed. London: UK.
- Fontes, A. P., & Neri, A. L. (2019). Estratégias de enfrentamento como indicadores de resiliência em idosos: Um estudo metodológico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4), 1265-1276. doi: 10.1590/1413-81232018244.05502017
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524. Doi: 10.1037//0022-3514.52.3.511
- Houdt, K. V., Kalmijn, M., & Ivanova, K. (2018). Family complexity and adult children's obligations: the role of divorce and co-residential history in norms to support parents and step-parents. *European Sociological Review*, 34(2), 169–183. Doi: 10.1093/esr/jcy007
- Hutz, C. S., Zanon, C., & Bardagi, M. P. (2014). Satisfação de vida. In C. S. Hutz, *Avaliação em Psicologia Positiva* (pp. 43-48). Artmed.
- Igarashi, H., Hooker, K., Coehlo, D. P. & Manoogian, M. M. (2013). "My nest is full": Intergenerational relationships at midlife. *Journal of Aging Studies*, 27, 102-112. doi.org/10.1016/j.jaging.2012.12.004
- Karantzas, G.C., Evans, L., & Foddy, M. (2010). The role of attachment in current and future parent caregiving. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 65B(5), 573–580, doi:10.1093/geronb/gbq047.
- Lee, J., Sohne, B. K., Lee, H. Seong, S. J. Park, S., & Lee, J-Y. (2018). *Archives of Gerontology and Geriatrics*, 75, 104–111. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.archger.2017.12.002>
- Lucas, R. E., & Diener, E. (2010). Personality and subjective well-being. In O. P. John, R. W. Robins & L. A. Pervin (Eds), *Handbook of personality* (3ª ed., pp. 795-814). The Guilford Press.
- Minayo, M. C. S., & Costa, A. P. (2018). *Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa, lusófona de educação*, 40 (40), 139-153. doi: 10.24140/ISSN.1645-7250.RLE40.10
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Artes Médicas.
- Neri, A.L., & Sommerhalder, C. (2012). As várias faces do cuidado e do bem-estar do cuidador. In A. L. Neri (Org.), *Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais* (pp.11-68). Alínea.
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em Psicologia*, 14(1), 17-34. doi: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>
- Paulson, D. & Bassett, R. (2016). Prepared to care: Adult attachment and filial obligation. *Aging & Mental Health*, 20(11), 1-8. doi.org/10.1080/13607863.2015.1072800
- Polenick, C. A., Martire, L. M., Hemphill, R. C. & Stephens, M. A. P. (2015). Effects of change in arthritis severity on spouse well-being: The moderating role of relationship closeness. *Journal of Family Psychology*, 29(3), 331-338. <https://doi.org/10.1037/fam0000093>
- Rabelo, D. F., & Neri, A. B. (2016). Suporte social a idosos e funcionalidade familiar. In D.V.S. Falcão, L. F. Araújo, & J. S. Pedroso (Orgs.), *Velhices: Temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar* (pp. 33-48). Alínea.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. Afrontamento.

Silva, L. R., & García, M. D. R. (2014). Herencia y cuidado: Transiciones en la obligación filial. *Desacatos*, 45, 99-112. Recuperado de <http://www.scielo.org.mx/scielo> em 10/09/19.

Zhan H. J. (2006). Joy and sorrow: Explaining Chinese caregivers' reward and stress. *J Aging Stud*, 20(1), 27-38. doi 10.1016/j.jaging.2005.01.002

Endereço para correspondência

anabentes@ufpa.br

Enviado em 02/01/2023

Aceito em 27/06/2023